



# a Voz do Operário

Fundado em 11 de outubro de 1879 pelos operários manipuladores do tabaco  
ANO 139 NÚMERO 3056 MENSÁRIO PREÇO €0,50 PORTE PAGO CABO RUIVO - TAXA PAGA  
JULHO 2018 DIRETOR DOMINGOS LOBO JORNAL REGIONAL DA ÁREA METROPOLITANA DE LISBOA



## ENTREVISTA Jorge Andrade

A *Voz do Operário* conversou com um dos mais importantes defesas centrais da sua geração. Para além dos palpites sobre o Campeonato Mundial de Futebol que se realiza na Rússia, Jorge Andrade falou sobre a sua trajetória enquanto jogador e do desporto enquanto fator de inclusão. **págs. 8 e 9**



## CONCERTAÇÃO SOCIAL

# Governo faz pisca à direita

O executivo PS volta a piscar o olho à direita depois de levar à reunião da concertação social uma proposta de seis páginas que recebeu o apoio das organizações patronais e da UGT. Neste documento, o governo acabou por ceder

ainda mais ao patronato num acordo que recebeu a oposição da CGTP-IN e as críticas dos partidos à esquerda. A maior central sindical já marcou uma ação de protesto em frente à Assembleia da República. **págs. 6 e 7**



## Professores exigem cumprimento da lei

Dura há quase duas semanas o braço-de-ferro entre os professores e o governo numa greve com forte adesão que tem paralisado as avaliações aos exames. É a resposta dos docentes à intransigência do executivo que não quer pagar a totalidade do tempo de serviço em que as carreiras estiveram congeladas. **pág. 13**



## Tribunais dão razão à população de Alfama

Uma decisão judicial obriga a autarquia de Lisboa a suspender a construção do Museu Judaico naquele bairro. Os tribunais aceitaram a providência cautelar interposta pela APPA que contesta a demolição de vários edifícios e a descaraterização do Largo de São Miguel. A população pede mais habitação e que o museu mude de lugar. **pág. 11**



## A VOZ DO OPERÁRIO Marcha Infantil deu cor às Festas de Lisboa

As três exibições da Marcha Infantil d'A Voz do Operário ficaram este ano marcadas pela homenagem às diferentes marchas a concurso numa participação que valorizou as coletividades na cidade. **pág. 3**



## PSOE provoca queda de governo espanhol

O último caso de corrupção a envolver dirigentes do PP ditou o fim do executivo liderado por Mariano Rajoy. O novo chefe do governo é Pedro Sánchez, líder do PSOE, que recebeu o apoio da maioria dos deputados num mandato que deve durar mais dois anos, o tempo que falta para acabar a legislatura. **pág. 14**

# Prossegue a atividade, também em altura de férias

Chegados de novo ao verão, é tempo de fazer um pequeno balanço do trabalho até aqui desenvolvido, bem como do que se projeta nos próximos meses.

Um importante marco da atividade deste semestre foi o conjunto de iniciativas de comemoração dos 135 anos d'A Voz do Operário, com realce para a sessão solene, onde foi apresentado o livro da história dos 135 anos d'A Voz do Operário (uma bela obra que importa conhecer, podendo ser adquirida na nossa sede), bem como o jantar comemorativo, em que Júlio Isidro foi o homenageado deste ano.

Os últimos meses foram de uma intensa atividade associativa, que contou com a mobilização de centenas de voluntários, sócios e amigos da Voz do Operário, designadamente em torno da preparação das festas populares, em que os desfiles da marcha infantil e os arraiais do "Beco de Lisboa" foram mais uma vez coroados de grande êxito.

Este ano a nossa marcha homenageou os bairros e coletividades de Lisboa com brilhantes participações, designadamente nos desfiles do Pavilhão e da Avenida da Liberdade, com uma alegria contagiante, espalhando ternura e encanto a quem teve ocasião de a apreciar, ao vivo ou através da televisão, enchendo de orgulho todos os envolvidos neste magnífico trabalho, que ano após ano vai sendo recriado.

Aspeto igualmente marcante foi a presença dos meninos da nossa marcha na homenagem que a Sociedade Portuguesa de Autores (protagonizada por Carlos Alberto Moniz) prestou a Carlos Alberto Vidal, artista com grande ligação à A Voz do Operário, tanto pela sua atuação em espetáculos para as nossas crianças (foi memorável o do Rossio por ocasião do nosso 132º aniversário), sendo igualmente autor de várias músicas da nossa marcha, designadamente a deste ano, intitulada "A nossa homenagem", com letra de Sara Costa.

O nosso arraial, que é já considerado um ex-libris dos arraiais de Lisboa, registou de novo grandes enchentes, com muitos visitantes lisboetas, mas também provenientes de outras paragens, designadamente muitos estrangeiros, que assim levaram um pouco do perfume desta Lisboa popular. Muita gente que conosco quis partilhar agradáveis momentos

de convívio e confraternização, que se podem estender até ao próximo dia 15 de julho, uma vez que no nosso espaço do arraial estamos a transmitir em ecrã gigante o campeonato do mundo de futebol.

Mesmo em período de férias prosseguem as nossas atividades, designadamente a ida organizada de várias centenas crianças e jovens à praia e os serviços de alimentação e apoio que prestamos a Juntas de Freguesia de Lisboa.

Continuamos a preparar o novo ano letivo, estando a decorrer as inscrições para todos os níveis: creche, pré-escolar, 1º ciclo e 2º ciclo. Felizmente registamos um volume recorde de matrículas, havendo já várias valências esgotadas e com lista de espera.

Mesmo assim ainda restam umas tantas vagas, pelo que todos os sócios e amigos que tenham crianças em condições de frequentar os nossos equipamentos, devem contactar os serviços para averiguar da possibilidade da sua matrícula n'A Voz do Operário.

As nossas crianças beneficiam da qualidade e inovação do ensino ministrado pel'A a Voz do Operário, assente no Método da Escola Moderna (MEM), cujo princípio pedagógico visa aprofundar a participação cívica ativa, promovendo o interesse pelo conhecimento e pelo espírito crítico, o respeito pela diferença através da inclusão e a qualidade de vida no seio da comunidade escolar.

Em todos os níveis de ensino, existirão visitas de estudo regulares, na sua maioria articuladas com o trabalho e as aprendizagens desenvolvidas na sala de aula, inserindo-se na lógica de ensino ativo, baseado nas experiências vividas pelos alunos e virado para a comunidade e para o mundo.

Para além de outras iniciativas, designadamente de âmbito associativo, iremos celebrar o 139º aniversário do nosso jornal e no dia 11 de novembro teremos a 2ª Gala de Fado da Voz do Operário, dando assim continuidade ao grande êxito obtido com a realização da 1ª Gala no ano passado.

Após mais um ano de muito trabalho, aproximam-se as férias, bem merecidas por todos e que espero sejam suficientemente retemperadoras.

**Manuel Figueiredo,**  
Presidente da Direção

## EDITORIAL

# Solidariedade em tempos de barbárie

De olhos postos no ecrã, para além dos aspetos menos positivos que comporta uma competição desportiva que move milhares de milhões de euros, há a magia que o futebol desperta em todos os continentes. Apesar de ser um campeonato entre países, acima das identidades nacionais deve imperar a solidariedade entre os povos. É um retrato vivo da humanidade quando decide pôr de lado as diferenças. Não é o que temos visto com a falta de resposta da União Europeia (UE) aos refugiados e imigrantes que tentam alcançar as costas do Mediterrâneo em busca de uma vida melhor. As políticas racistas e xenófobas ganham cada vez mais força nas opções de governos de direita. Há cada vez mais campos de concentração para estrangeiros a que dão o nome de centros de acolhimento. Os refugiados e os imigrantes que fogem das guerras e da pobreza merecem uma resposta séria e solidária dos diferentes países europeus mas merecem, sobretudo, que a UE deixe de alimentar agressões militares.

Na edição anterior deste jornal, Libério Domingues, coordenador da União dos Sindicatos de Lisboa, da CGTP-IN, denunciava em entrevista que o atual governo se tinha aliado à direita para aprovar alterações ao código do trabalho. A poucos dias da discussão na Assembleia da República das propostas aprovadas na concertação social pelo executivo encabeçado por António Costa, pelas organizações patronais e pela UGT, os partidos à esquerda do PS acusam o governo de agir como se tivesse maioria absoluta. De fato, não tem, mas sabe que pode contar com o PSD nas questões fundamentais, como tem acontecido, aliás, nas últimas quatro décadas. Os diferentes acordos estabelecidos entre o PS e os vários partidos à sua esquerda, mais o PAN, foram um avanço no sentido da recuperação de um conjunto de direitos que haviam sido retirados aos trabalhadores durante o governo anterior liderado pelo PSD e CDS-PP. Contudo, nada disto teria sido possível sem a luta de quem trabalha. Não só a alteração da correlação de forças na Assembleia da República mas também as condições que o PS se viu obrigado a aceitar pela primeira vez na sua história. E a luta continuará a ser, certamente, fator determinante para impedir que as propostas legislativas, celebradas em uníssono por patrões e UGT, sigam adiante.

## a Voz do Operário

**PROPRIEDADE E EDIÇÃO** SIB A Voz do Operário  
Rua da Voz do Operário, 13, 1100 – 620 Lisboa  
Telefone: 218 862 155. E-mail: [jornal@vozoperario.pt](mailto:jornal@vozoperario.pt)

**DIRETOR** Domingos Lobo  
**DESIGN E PAGINAÇÃO** Ana Ambrósio, Diogo Jorge

**FOTOGRAFIA** Nuno Agostinho  
**COLABORADORES** André Levy, Bruno Carvalho, Carlos Moura, Domingos Lobo, Eugénio Rosa, Lina Seabra-Diniz, Luís Caixeiro, Manuel Figueiredo, Maurício Miguel, Rego Mendes, Rita Morais

**REDAÇÃO** Rua da Voz do Operário, 13, 1100 – 620 Lisboa

**IMPRESSÃO** Empresa Gráfica Funchalense, SA  
Rua da Capela da Nossa Senhora da Conceição,  
n.º 50 – Morelena, 2715 – 029 Pêro Pinheiro

**N.º DE REGISTO NA ERC** 107759

**DEPÓSITO LEGAL** 6394/84

**PERIODICIDADE** Mensal

**TIRAGEM** 3.500 exemplares

**ESTATUTO EDITORIAL** [www.vozoperario.pt](http://www.vozoperario.pt)



Membro da  
Associação da  
Imprensa  
Não-Diária

Associação  
Portuguesa  
da Imprensa  
Regional



FESTAS DE LISBOA

# Marcha Infantil d'A Voz do Operário celebra bairros de Lisboa



Marcha Infantil d'A Voz do Operário

Ao longo de mais de três décadas, as meninas e meninos da Marcha Infantil d'A Voz do Operário têm feito história tingindo as festas de Lisboa com as cores desta instituição. Este ano não foi exceção. O aplauso unânime de milhares de espetadores nas três exibições — no ex-Pavilhão Atlântico, na Avenida da Liberdade e n'A Voz do Operário — marcou a abertura das Marchas Populares pelas crianças d'A Voz que foram acompanhadas pelos atores e padrinhos, Débora Monteiro e Rui Melo. Para além dos fatos próprios, a maior surpresa deu-se quando entraram vestidos com os figurinos das marchas a concurso. Os diferentes bairros e coletividades

da cidade desfilaram também nas letras, nos adereços e na coreografia. No fim da exibição, os marchantes d'A Voz abriram faixas com os nomes dos bairros sob o apoio do público. Muitos dos participantes das outras marchas quiseram tirar fotografias com as meninas e os meninos d'A Voz que envergavam os seus fatos.

Para Vítor Agostinho, um dos ensaiadores e diretor-geral d'A Voz do Operário, foi uma “experiência excecional”. Foi uma grande iniciativa “com o apoio de todas as marchas a concurso” e as três exibições foram de “uma beleza invulgar do ponto de vista estético”. Com os objetivos cumpridos, graças ao “esforço e

dedicação de muitos voluntários”, Vítor Agostinho destaca a importância de se valorizar as coletividades como obreiras das festas de Lisboa e de promover a união entre os diferentes bairros. Um desses momentos aconteceu no convívio entre os representantes da maioria das marchas, que fizeram questão de corresponder ao convite endereçado pel'A Voz do Operário para se juntarem no Arraial “Beco de Lisboa”.

Apesar do enorme sucesso da participação da Marcha Infantil, Vítor Agostinho salienta que falta apoio das entidades oficiais para a participação destas crianças e, sobretudo, para promover exibições noutros espaços.

## ARRAIAL D'A VOZ DO OPERÁRIO

### Muita festa no arraial “Beco de Lisboa”

Milhares de pessoas visitaram o arraial d'A Voz do Operário, conhecido por Beco de Lisboa, onde, durante várias semanas, as sardinhas, o caldo verde, as entremeadas, a imperial e o vinho tomaram conta da festa. O fado e a música popular, com exibições ao vivo, agitaram as tardes e as noites de folia. Durante o mês de junho, A Voz do Operário transmitiu também todos os jogos do Campeonato Mundial de Futebol e vai continuar a fazê-lo até ao dia da final, marcada para 15 de julho.



Sociedade de Instrução e Beneficência  
**A Voz do Operário**

### PROTEÇÃO DE DADOS

O novo Regulamento Geral de Proteção de Dados, em vigor desde 25 de maio de 2018, estabelece regras sobre a proteção e utilização dos dados pessoais dos nossos sócios e beneficiários, tornando mais claros os seus direitos sobre os mesmos.

Porque entendemos que a conformidade com o novo regulamento é uma missão importante, trabalhamos de forma a melhorar os nossos procedimentos e aperfeiçoar os sistemas informáticos, a fim de garantir a necessária confidencialidade e segurança dos dados.

Os nossos sócios e beneficiários têm o direito de acesso, retificação, apagamento, limitação e portabilidade dos seus dados pessoais. Caso pretenda manter os seus dados e as informações, não terá de fazer nada.

A Voz do Operário agradece, desde já, o seu consentimento ao abrigo do RGPD.

Fique a conhecer a Política de Proteção de Dados no site [www.vozoperario.pt](http://www.vozoperario.pt).

Relembramos que a autoridade nacional de controlo de dados pessoais é a Comissão Nacional de Proteção de Dados, sita na Rua de S. Bento, 148 - 3.º - 1200-821 Lisboa.

Para qualquer questão ou mais informações sobre como tratamos os seus dados pessoais, pode contactar-nos através do e-mail: [dados@vozoperario.pt](mailto:dados@vozoperario.pt).

## ESCOLAS

# Análise Reflexiva sobre a metodologia cooperativa

**Maria Teresa Antunes dos Santos**

A metodologia cooperativa desta Instituição foi por opção dos educadores e dos professores que nela trabalharam, a opção pedagógica do Projeto Educativo da Escola e da Instituição.

Esta metodologia pedagógica que comecei a descobrir há pelo menos vinte e oito anos, época em que consegui emprego na Escola da Ajuda d'A Voz do Operário 89/90, proporcionou-me a descoberta do M.E.M., através da partilha dos professores que já lá estavam, há alguns anos e que geriam de forma cooperativa a educação, o ensino e a formação, sendo a mesma promovida na sede (Graça) em Conselhos Pedagógicos.

Esta prática pedagógica é executada com a comunidade educativa local e envolvente. Portanto está em interação regular entre as valências e com este contexto global e comunitário. Dado que a avaliação é um instrumento fundamental desta opção pedagógica, a evolução da sua qualidade tem sido uma constante até aos dias de hoje.

Na educação e no ensino desenvolvidos na Sociedade de Instrução e Beneficência A Voz do Operário estão contidos os direitos de cidadania, no seu estatuto associativo, escrito e publicado há 135 anos. Pretendia-se melhorar o nível de alfabetização dos filhos dos operários da indústria tabaqueira, para que a geração futura nascesse e crescesse com melhores condições sociais, culturais e políticas. Os responsáveis educativos das famílias que trabalhavam 14 a 16 horas diárias nestas fábricas, onde igualmente estavam muitas crianças viviam em condições sociais e laborais miseráveis. Consequentemente sentiram necessidade de divulgar e partilhar com toda a comunidade envolvente, as numerosas injustiças que estavam a ser realizadas, pondo em causa os seus direitos humanos. Por

esse facto decidiram em "Conselho de Cooperação" (reunião da Assembleia da Associação de Sócios) publicar este Jornal de A Voz do Operário, fundado em 11 de Outubro de 1879. Foi o movimento operário e associativo que dinamizou a necessidade de saber ler e escrever, o que promoveu a publicação deste Jornal A Voz do Operário, origem desta instituição. Teve como objetivo principal divulgar as condições de trabalho a que estavam sujeitas famílias inteiras, devido às consequências da Revolução Industrial em Portugal, à vinda da planta do tabaco e à sua implantação no mercado que rendia milhões ao patronato da época. O fluxo migratório dos campos para as grandes cidades, como por exemplo Lisboa, pela necessidade de conseguir melhor qualidade de vida individual e comunitária, faz parte da história desta Instituição que como o seu nome indica, pretende promover a cultura e melhorar as condições sociais básicas da comunidade, dado à pobreza e ao elevado nível de analfabetismo da época. A República já se avizinhava.

A educação e o ensino nesta Sociedade de Instrução e Beneficência continua ao longo do tempo e atualmente oferece na sede: a Creche em articulação com o Jardim de Infância, transversalmente com o 1º e 2º ciclo. Realizam-se encontros regularmente, segundo o P.E.E. (Projeto Educativo da Escola) e as atividades contidas no P.A.A. (Plano Anual de Atividades) das diversas valências, através da interseção das competências e aprendizagens a desenvolver nos diversos ciclos de escolaridade.

O pressuposto pedagógico é cooperativo e tem como objetivo global, um conjunto de aprendizagens essenciais, de acordo com algumas competências e aprendizagens transversais curriculares/extracurriculares, dinamizando estratégias para ajudar os alunos, a promover os princípios e os valores de cidadania: exercer a sua autonomia, de forma livre, democrática e solidária. O coletivo

(todo) é composto pelas partes constituintes dos grupos/turmas e da interação sociocognitiva entre os pares, os pequenos grupos e os diversos anos de escolaridade.

É através da interação entre os agentes educativos que se pode melhorar a qualidade da transição entre valências, favorecendo a continuidade do processo de aprendizagem e o desenvolvimento das crianças.

A comunicação de projetos entre grupos da mesma valência e entre valências diferentes promove a construção do conhecimento cultural da comunidade educativa.

A análise reflexiva sobre o meu percurso profissional em construção através das práticas pedagógicas, ao longo do meu processo de aprendizagem, sempre em formação cooperada, aferindo o meu processo e percurso pedagógico nos congressos do M.E.M. leva-me a concluir que as práticas cooperativas e a metodologia de projeto promovem aprendizagens significativas, socializadoras e integrantes entre os alunos, contribuindo para a continuidade educativa entre as valências. É através da interação entre os intervenientes pedagógicos na comunidade educativa que se pode melhorar a qualidade da educação e do ensino, favorecendo o sucesso do processo de aprendizagem e o desenvolvimento das crianças.

A interação entre valências e a comunicação de projetos entre grupos e turmas promove a construção do conhecimento cultural da comunidade educativa.

A análise reflexiva sobre o meu percurso profissional leva-me a concluir que as práticas cooperativas e a metodologia de projeto promovem aprendizagens significativas, socializadoras e integrantes entre os alunos, promovendo os valores de cidadania necessários para uma sociedade mais justa, livre e democrática.

## CENTRO DE CONVÍVIO

## A Voz do Operário nos 40 anos do MURPI

Os utentes do Centro de Convívio d'A Voz do Operário participaram no 23.º Piquenício Nacional que se realizou no dia 28 de maio, em Montemor-o-Novo, e que celebrou o 40.º aniversário da Confederação Nacional de Reformados, Pensionistas e Idosos (MURPI) com o apoio da autarquia local.

Pelos três palcos instalados no Parque de Exposições de Montemor-o-Novo (Évora) passaram grupos de cantares, de ginástica e de teatro de todo o país, num gesto de valorização do património cultural das tradições artísticas nacionais. Esta que é, segundo o MURPI, a maior festa cultural

dos reformados mobilizou milhares de pessoas. O Piquenício Nacional é uma iniciativa anual que representa uma importante expressão de força do movimento de reformados, pensionistas e idosos pela intervenção por mais direitos e melhores condições de vida.

EXPRESSÃO DRAMÁTICA



Uma das cenas do espetáculo exibido no Salão d'A Voz do Operário

# Teatro, dança e filosofia em cena n'A Voz do Operário

*The elephant in the room* [o elefante na sala] é uma expressão inglesa usada para designar um problema ou uma questão que causa desconforto e que, por isso mesmo, ninguém deseja debater. Foi este o mote para a peça que se realizou no dia 18 de junho no Salão de Festas e que reuniu o trabalho desenvolvido no âmbito da área não disciplinar de Expressão Dramática, que integra o currículo do 2.º ciclo do Espaço Educativo da Graça d'A Voz do Operário.

“A dança, a filosofia e o teatro, bem como o cruzamento entre os três, são as linguagens encontradas para esta apresentação [...]. Temas como a vergonha, a confiança, o medo e o sonho são alguns dos abordados. No primeiro dia, estávamos vazios de cenas e cheios de ideias, de pontos de partida. Não conhecíamos o ponto de chegada e, porventura, não o conhecemos nunca...”, apresentavam-se os protagonistas da peça na convocatória.

Durante cerca de uma hora, centena e meia de espetadores assistiram à obra interpretada pelos alunos e pelas professoras Helena Galvão e Sandra Pina Pereira, também co-criadores, sob a direção geral do professor e encenador Bruno Cochat. O contraste entre sonoridades mais intensas e mais suaves abriu espaço para a expressão corporal e verbal com danças e movimentos que celebraram o contato humano contrariando o isolamento social. O banco instalado no meio dos assistentes, para onde os atores subiram antes de confessarem desejos, foi um dos momentos mais emocionantes com algumas das crianças a afirmarem, entre outras

coisas, que queriam acabar com as guerras, serem livres para sempre e que os avós fossem eternos. Outra das cenas marcantes foi a enunciação de questões previamente debatidas entre os alunos e Rita Pedro, especialista em filosofia para crianças. A peça finalizou com os atores a convidarem os espetadores a participarem numa dança comum.

“Esta é uma peça que resulta de um trabalho de co-criação com os seus intérpretes nas aulas semanais de Expressão Dramática. Estas fazem parte, desde há cinco anos, do currículo do 2.º ciclo e são uma oportunidade única de um trabalho transversal a todas as matérias e temas. Como tema principal escolhemos a vergonha, a dificuldade que temos em nos expor. Ou antes, o tema é que nos escolheu, aparecendo invariavelmente em todos os encontros”, afirmou Bruno Cochat. O encenador destacou também como fundamental o trabalho das professoras que acompanharam os grupos nestas sessões, uma vez que fizeram a ponte entre o trabalho da sala de aula e o do teatro. Rita Pedro, que lançou, sob a forma de desafio, as temáticas para discussão, também deu um contributo imprescindível.

“A partir das questões levantadas pelos alunos, as cenas foram construídas, de forma mais ou menos abstrata, dando ao espetador a tarefa de, também ele, fazer uma leitura do significado das mesmas”, acrescentou Bruno Cochat para logo dizer que “este trabalho de co-criação proporciona aos intérpretes, alunos e professoras, a apropriação do espetáculo, sentindo-o como seu”.

A VOZ DO OPERÁRIO

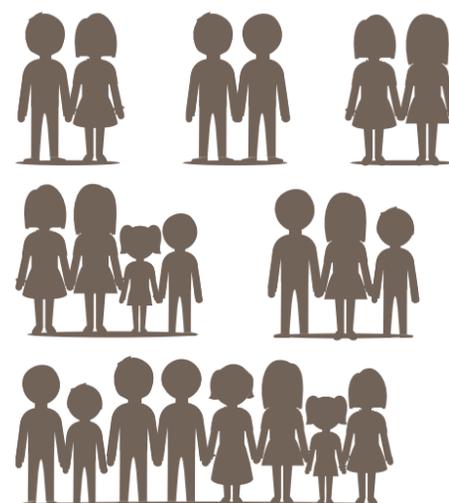
## Famílias em debate n'A Voz

As diferentes tipologias de organizações familiares estiveram em debate no Auditório João Hogan, n'A Voz do Operário, no dia 21 de junho, com a presença de uma representante da Associação de Mães e Pais pela Liberdade de Orientação Sexual e Identidade de Género (AMPLOS) e do Instituto Marquês de Valle Flôr. Com a moderação a cargo de Sónia Marques, mãe de um aluno, a iniciativa começou com uma breve intervenção de boas-vindas de Sérgio Gaitas, diretor pedagógico do Espaço Educativo da Graça, que começou por referir que esta conversa se realizava “na sequência de conversas no âmbito da questão familiar” e que o objetivo era “problematizar” sobre os diferentes tipos de organização das famílias. A introdução ficou a cargo da professora Bárbara Ramires que não quis deixar de frisar que n'A Voz do Operário se respeita qualquer tipo de família que apareça.

Manuela Ferreira explicou que a AMPLOS surgiu como uma resposta das mães, pais e familiares de homossexuais, bissexuais, transexuais e transgéneros que, muitas vezes, não estão preparados ou não conseguem aceitar a orientação sexual e a identidade de género dos filhos. A vice-presidente da associação, que também falou da sua experiência pessoal, explicou que isso acontece pelas expectativas que se criaram, pelos preconceitos que abundam na sociedade e pela falta de informação que alimenta tabus. A AMPLOS trabalha sobretudo em escolas e com as famílias e Manuela Ferreira recorda que ninguém escolhe ser heterossexual ou homossexual. “Ser é apenas mais uma característica de um filho, como ter olhos azuis ou castanhos”, acrescentou.

Pelo Instituto Marquês de Valle Flôr, Cátia Lopes explicou que trabalha em cooperação e educação para o desenvolvimento e que esse trabalho, n'A Voz do Operário, se expressa na formação a duas turmas do primeiro ano e a uma do segundo, em Educação para a Cidadania. Sobre diferentes tipos de família, Cátia Lopes afirmou que a diversidade também se expressa com a multiculturalidade. Filha de cabo-verdianos tem uma filha com um português com a qual tem de trabalhar a desconstrução de preconceitos que se criam durante o crescimento.

A sessão não acabou sem antes haver um debate com a participação das cerca de 30 pessoas da assistência, entre professores, educadores e familiares.



## CONCERTAÇÃO SOCIAL



Primeiro-ministro assina acordo com patronato e UGT

# Governo faz pisca à direita

O executivo PS volta a piscar o olho aos grupos económicos e financeiros depois de levar à reunião da concertação social uma proposta de seis páginas que recebeu o apoio das quatro confederações patronais que na semana anterior ameaçavam optar pelo chumbo. No documento final, o governo acabou por ceder ainda mais ao patronato ao permitir que os bancos de horas por acordo individual se mantenham por mais um ano e ao autorizar a celebração de contratos de muito curta duração quando as empresas têm um acréscimo de atividade.

### Bruno Amaral de Carvalho

Satisfeitos, os representantes dos patrões afirmaram que se trata de um bom acordo. “Não serão estas alterações que vão prejudicar as empresas”, reconheceu António Saraiva, presidente da Confederação Empresarial de Portugal (CIP).

Menos dúvidas em assinar o documento teve o secretário-geral da UGT que deu a entender que sem esta central sindical nenhum dos 21 acordos de concertação social assinados até hoje teriam sido aprovados. “Quando o Código do Trabalho foi feito, há cerca de 30 anos, a precariedade e os contratos a prazo eram a exceção. Ao longo do tempo, foram-se transformando na regra”, afirmou Carlos Silva ao jornal *i*. Apesar de reconhecer as consequências das sucessivas reformas laborais, incomodado por ser acusado, uma vez mais, de servir

de muleta às reivindicações dos patrões, Carlos Silva insistiu que “sem a UGT não há concertação social”.

A CGTP-IN rejeitou o acordo e apelou aos deputados para travar as propostas que atentam contra os direitos dos trabalhadores. Arménio Carlos desafiou a Assembleia da República a assegurar “uma política laboral de esquerda”. “Não estamos perante uma inevitabilidade”, afirmou o secretário-geral da confederação sindical. No documento não constam várias das reivindicações levantadas pelos trabalhadores no desfile comemorativo do 1.º de Maio da Intersindical Nacional: o fim da caducidade dos contratos coletivos, fim dos bancos de horas e dos mecanismos de adaptabilidade ou a reintrodução do tratamento mais favorável ao trabalhador. Já Vieira da Silva, ministro do Trabalho, desvalorizou a oposição da CGTP-IN e, quando questionado sobre se contará

com o apoio da esquerda para aprovar o pacote legislativo na Assembleia da República, lembrou que “boa parte das medidas [agora acordadas] resulta de um trabalho conjunto entre o BE, o governo e o PS”.

### Direita pode salvar proposta

O debate no parlamento está marcado para 6 de julho mas para já não está garantido que a proposta seja aprovada pela maioria dos deputados. O PCP já deu sinais de que pode chumbar se o executivo não recuar e afirmou em comunicado que o acordo sobre a legislação laboral, estabelecido entre governo, confederações patronais e UGT, “não responde aos interesses e direitos dos trabalhadores”, contribuindo para “o agravamento da exploração e desvalorização do trabalho”. Por sua vez, o BE declarou que vai votar contra algumas

das normas. Quem parece não querer deixar cair a proposta é o PSD. Logo após a assinatura, Rui Rio antecipou a viabilização depois de um apelo das organizações patronais. Há uma semana e meia, o coordenador do PSD para a área da Solidariedade e ex-presidente do Conselho Económico e Social, em entrevista ao *Público*, afirmava que seria um suicídio se o seu partido não o fizesse. Questionado se a precariedade poderia ter efeitos positivos, respondeu “com certeza”. Quem parece estar de acordo é, uma vez mais, a UGT que não só apelou à aprovação do acordo como anunciou a sua presença com uma delegação nas galerias parlamentares no mesmo dia para o qual a CGTP agendou uma manifestação. Já a Confederação do Comércio e Serviços de Portugal, anunciou que se não houver luz verde para a proposta não estará disponível para assinar outros compromissos nesta legislatura.

## Período experimental e precariedade

A pretexto de promover a contratação sem termo, alarga-se o período experimental de 90 para 180 dias para os jovens à procura do primeiro emprego ou desempregados de longa duração. Neste período, os patrões podem, despedir sem qualquer justificação ou compensação. Esta medida que foi bem acolhida pelas confederações patronais, havia sido já proposta, em 2008, pelo PS e rejeitada pelo Tribunal Constitucional. “Uma maior limitação do uso do contrato a termo não pode ser legitimamente compensada por via indireta, com o aumento de outra forma de precariedade laboral, através de um expressivo alargamento do período experimental, em violação do princípio da segurança no emprego”, pode ler-se no acórdão.

O governo quer também generalizar a todos os setores de atividade os contratos de muito curta duração alargando a sua vigência máxima de 15 para 35 dias. Antes confinados aos setores de agricultura e turismo, deixariam de ser vistos, tal como o período experimental, como trabalho precário. Os patrões teriam assim a possibilidade de não serem penalizados com a taxa suplementar para a segurança social de 2%. A intenção do

tenção da caducidade dos instrumentos de regulamentação coletiva de trabalho foi uma das questões mais contestadas pela CGTP-IN. Ao recusar-se a alterar a norma que admite a expiração da contratação coletiva, o governo mostrou que não quer reverter uma das decisões mais polémicas do executivo liderado por Passos Coelho no âmbito da revisão

## Período experimental duplica de 90 para 180 dias

da legislação laboral. Antes do acordo assinado por PS, PSD e CDS-PP com a *troika*, as portarias de extensão eram publicadas com regularidade, o que fazia com que grande parte dos trabalhadores estivesse abrangida por convenções coletivas. Mas no final de 2012, o Governo liderado por Passos Coelho aprovou uma resolução que indicava um conjunto de critérios a ter em conta para a publicação. Só seriam emitidas portarias de extensão se, entre outras condições, a parte empregadora que subscrevia a convenção representasse mais de metade dos trabalhadores do setor.

convenções coletivas mais favoráveis aos trabalhadores.

## Bancos de horas

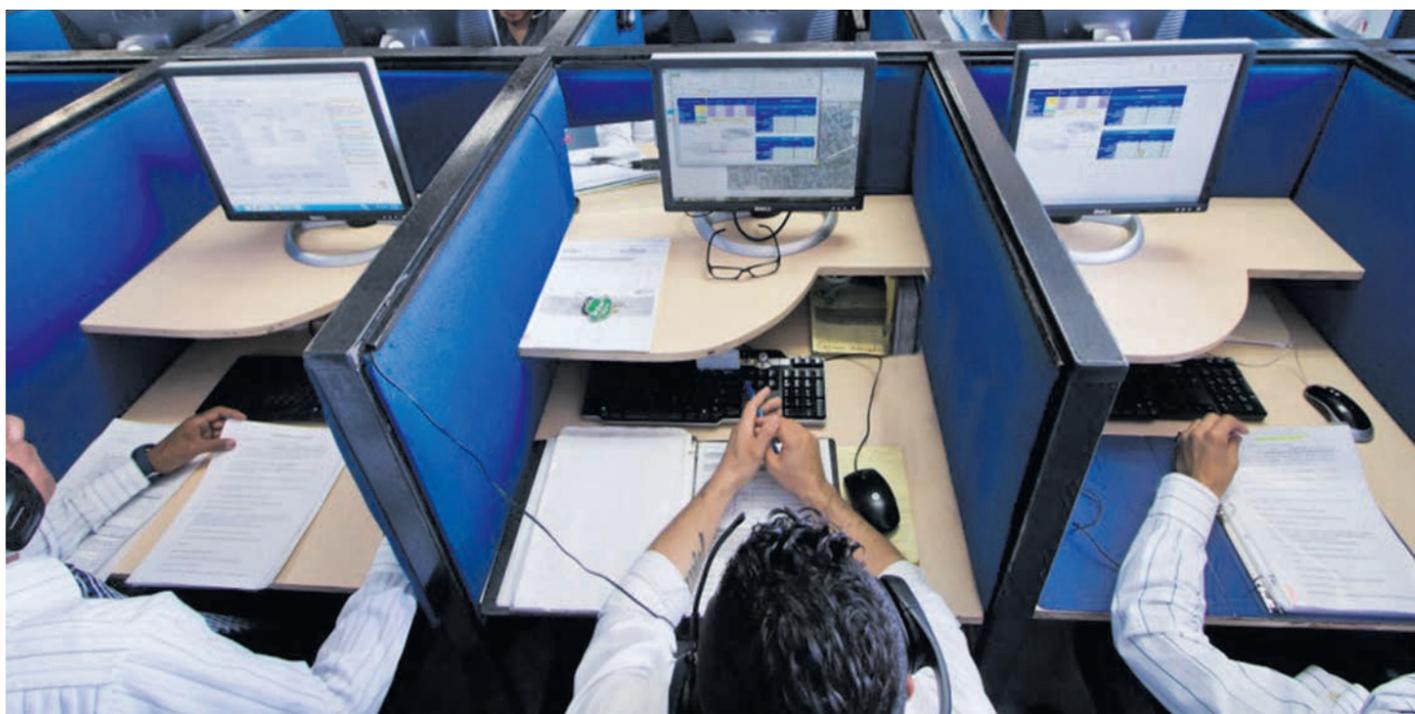
No que propõe sobre os bancos de horas, o governo voltou a aproximar-se dos interesses das empresas e a favorecer o objetivo patronal de fugir ao pagamento do trabalho extraordinário. Admite que passe a haver um banco de horas grupal, com limites de duas horas diárias, 50 horas semanais e 150 horas anuais. Na prática, agrava a redução da retribuição dos salários, ao oferecer ao patronato 150 horas de trabalho gratuito em cada ano. “Caso fosse aplicado à generalidade dos trabalhadores, representaria 2,6 mil milhões de euros de trabalho não remunerado (786 euros por ano por trabalhador)”, denunciou Arménio Carlos. Contando “os 4,2 mil milhões de euros que hoje os patrões já poupam, ao recorrerem a trabalhadores com vínculo precário que auferem, em média, menos 30 por cento que os assalariados com vínculo efetivo”, a CGTP-IN conclui que, “no total, seriam 6,8 mil milhões de euros que não entrariam no vencimento dos trabalhadores, para ficarem na posse dos patrões”.

Para que este banco de horas grupal seja aplicado, a entidade empregadora

## PROVA DOS 9

No projeto-lei que chega este mês ao parlamento mantém-se os cortes no valor pago pelas horas extraordinárias e no descanso compensatório por trabalho suplementar. O regime de trabalho noturno e por turnos fica intato, assim como as férias. 22 dias, nem mais nem menos. O ministro do Trabalho fala em “correções progressistas”. A CGTP lê uma “declaração de guerra aos trabalhadores”.

- 1. Contratos a termo certo** limitados a dois anos.
- 2. Contratos a termo incerto** com duração máxima encurtada de seis para quatro anos.
- 3. Contratos de curta duração**, agora reservados à agricultura e ao turismo, passam a poder celebrados em qualquer sector. A duração máxima destes vínculos é alargada de 15 para 35 dias.
- 4. Contratos temporários** limitados a seis renovações.
- 5. Período experimental** duplica de 90 para 180 dias para contratos sem termo com trabalhadores à procura do primeiro emprego e desempregados de longa duração, incluindo o período de estágio.
- 6. Taxa de Rotatividade Excessiva** pode chegar aos 2% para as empresas que recorram sistematicamente a contratos a prazo. Contratos de substituição e de muito curta duração não entram nas contas da penalização.
- 7. Convenções Coletivas** mantém a caducidade.
- 8. Banco de horas individual** é prorrogado por um ano.
- 9. Banco de horas de grupo**, além do previsto na contratação coletiva, permite que o período normal de trabalho seja aumentado até duas horas diárias com um limite de 50 horas semanais e 150 horas por ano, desde que 65% dos trabalhadores votem a favor.



Trabalho precário num call center

governo de introduzir uma contribuição de 2% sobre as empresas com elevado índice de trabalhadores a termo, apenas quando seja superior à média setorial, vem legitimar a precariedade, dizem os sindicatos.

## Contratação coletiva

A contratação coletiva é o processo através do qual os empregadores e os representantes dos trabalhadores negociam condições específicas de trabalho, a aplicar à empresa ou ao setor. A manu-

A ser aprovado na Assembleia da República o acordo laboral, o governo dá cobertura a esta cedência ao patronato, que tem usado esta possibilidade como um instrumento de chantagem para bloquear a negociação, congelar salários, reduzir os rendimentos e o poder de compra, fomentar convenções coletivas que chegam a pôr em causa o princípio do Direito de Trabalho, quando admitem normas inferiores às mínimas que o Código do Trabalho estabelece. Continua assim aberto o caminho para as associações patronais eliminarem as

só precisará de 65 por cento dos trabalhadores quando atualmente é exigida a aprovação de 75 por cento. Caso não haja organização sindical ou comissão de trabalhadores, preconiza a formação de uma comissão representativa eventual, para acompanhar a votação. Em vez de tomar medidas para garantir a liberdade sindical no interior das empresas, o governo tenta recuperar uma proposta do tempo da *troika*, para admitir a criação de órgãos representativos dos trabalhadores que sejam da confiança da entidade empregadora.

JORGE ANDRADE

# “O futebol pode ser um factor de inclusão”

Jorge Andrade foi um dos melhores defesas centrais da sua geração e jogou nos principais relvados da Europa. Foi vice-campeão europeu pela seleção nacional de futebol e acumulou troféus em representação de clubes como o Futebol Clube do Porto, o Deportivo da Corunha e a Juventus. Fiel às raízes, nunca esqueceu as origens. Dos primeiros ‘toques’ com a bola nas ruas do bairro ao Estrela da Amadora, reconhece que o desporto lhe abriu portas para uma vida que está vedada à maioria dos jovens da periferia. Não tem dúvidas. O futebol pode e deve ser um factor de inclusão.



Jorge Andrade ao serviço da Juventus

**Bruno Amaral de Carvalho**

## Vários familiares teus também praticaram futebol. É de família?

Sim, na minha família há muita gente que joga futebol. O meu pai veio para Portugal com 17 anos para jogar nos juniores do Atlético. Depois estive em várias equipas em escalões inferiores, um dos quais o Sporting Club Borbense. Tenho o meu irmão [Carlos Andrade] e o meu tio Zé que foram internacionais por Cabo Verde e eu internacional por Portugal. E ainda tenho primos que jogaram comigo no Estrela da Amadora como o Zé Mário.

## Tens raízes cabo-verdianas. Sentes-te ligado a Cabo Verde?

Sim, e fui embaixador do futebol. Tive um protocolo com a Federação Cabo-Verdiana de Futebol em que tínhamos a escolinha e sinto-me apegado ao país, até porque te-

nho família lá. Tenho a minha avó e primos, daí que haja uma forte ligação.

## Onde é que começaste a dar os primeiros ‘toques’? Na rua?

Sim, comecei a dar os primeiros toques na rua e na escola antes de ir para o Estrela da Amadora aos 8 anos, onde já comecei a jogar como federado.

## O percurso de qualquer miúdo da Amadora que gostasse de futebol passava por treinar no Estrela da Amadora.

Sim. Foi um colega meu chamado Vladimir que me levou. Fomos vários. Era o trajeto normal na Amadora. Ia toda a gente da cidade, e não só, ao estádio [José Gomes] treinar para conseguir uma vaga no clube que tinha uma grande formação nas camadas jovens. Havia um ambiente familiar e foi fácil a adaptação. Foi só mudar o estilo de jogo de rua para um mais de clube. Foi muito

bom conviver aqueles anos todos com jogadores de todas as zonas da Amadora e que eram muito bons no que faziam. Joguei dos 8 até aos 22 anos no Estrela. Correu tudo muito bem e só houve um ano em que fui emprestado ao Real [de Massamá].

## Assististe à final da Taça de Portugal em que o Estrela vence?

Eu tinha 10 anos e assisti em casa. Vibrei com as duas finais. Com a final e com a finalíssima em que ganhámos ao Farense. Tínhamos grandes craques como o Duílio, o capitão que levantou a taça, tínhamos o Paulo Bento que fez um dos golos num dos jogos. Foram grandes jogadores que ajudaram o Estrela a ir às competições europeias que era o sonho de qualquer clube de uma cidade da periferia.

## Como é que acabas na tua posição à defesa?

Acabei a jogar a defesa central mas nas camadas jovens

joguei em todas as posições. Comecei como extremo-direito, extremo-esquerdo, ponta de lança e médio-centro. Nos primeiros anos de profissional, joguei mais a médio-centro do que como central e depois com naturalidade passei a central porque muitos treinadores, entre os quais o [Jorge] Jesus, diziam aos mais novos que era uma posição de responsabilidade. Daí que me fui adaptando e treinando a posição para, quando estivesse bem apetrechado tecnicamente, poder jogar numa posição que é a mais difícil. Mas joguei muitos anos como médio-centro e transitei para central e tive grandes jogadores que me ajudaram como o Rebelo que era um dos craques do Estrela da Amadora e que como era mais velho ajudava a posicionar-nos e ensinava-nos os truques da posição.

### **Sentes que o futebol - e o desporto em geral - pode ser uma ferramenta de inclusão social?**

Claro que sim. O futebol e o desporto são fatores de inclusão. Resultou comigo e outros colegas que moravam perto dos bairros da Amadora. Foi a oportunidade para melhorar as vidas de quem vivia em condições mais difíceis. Temos como exemplo disso vários jogadores da seleção que vêm de meios mais desfavorecidos. Toda a gente devia ter acesso ao desporto.

### **Entendes que era importante um apoio maior a equipamentos desportivos nas cidades, por exemplo?**

Na altura em que comecei a jogar não havia grandes campos na rua. E hoje em dia não existem também. É difícil existirem campos para os meninos jogarem e na rua já quase ninguém joga. Devia haver aproveitamento de certos espaços para o desporto, não só para o futebol. E as grandes cidades estão a comer esses espaços.

### **Muitos jogadores vieram de meios socialmente mais desfavorecidos, como disseste, e até de bairros que sofrem ainda hoje de discriminação, abuso e repressão. Nas últimas eleições autárquicas apelaste ao voto na CDU na Amadora. Achas que é importante os desportistas darem a cara pela justiça social e pelos direitos de quem menos tem?**

Acho que sim. Os jogadores de futebol são referências para todos e têm que dar o exemplo. O papel dos desportistas importa e a nossa voz deve ajudar a que os jovens possam ter as mesmas oportunidades que tive eu de entrar em projetos que acabam por mudar vidas. Como ex-praticante dei o meu apoio à CDU por entender que há um partido que está mais próximo do povo e que pode dar mais voz a todos aqueles que vêm de meios mais desfavorecidos e por achar que há solução para muitos problemas existentes. Basta as pessoas se juntarem e trabalharem por mais justiça social.

### **Como foi saíres da Amadora para o Porto? Como foi o salto?**

Mudar para o porto era encarar o futebol com profissionalismo, visto que no Estrela era tudo muito familiar. Eu ia a pé para os treinos com os amigos. Ir para outra cidade e ter de fazer grandes mudanças foi uma grande diferença. Ali, o objectivo era lutar pelo título.

A pressão era diferente, havia mais público nos estádios, tanto em casa como fora.

Foi muito divertido e muito bom e ajudou-me no resto da carreira para ter estofos para os obstáculos que iam

aparecer à frente. O Porto é uma cidade maravilhosa que me ajudou a ter uma carreira digna

### **Viveste um dos períodos mais importantes da história do Deportivo da Corunha. Ainda costumavas ir lá?**

Foi fantástico. Estive cinco anos a jogar e mais dois a viver. A Corunha é uma cidade parecida com as nossas cidades. Uma cidade costeira com um ambiente muito familiar. Conseguia vir de carro para Lisboa. Foram anos muito bons e ainda mantenho a ligação. Tenho uma cervejaria que abri há sete anos, daí que me sinta muito próximo. Aliás, vou muitas vezes à Corunha e a minha ligação ao Deportivo é muito grande. Continuo a participar em torneios com os veteranos.

### **Qual foi para ti o melhor defesa de todos os tempos?**

É muito difícil falar apenas de um defesa, visto que se formos falar de defesas centrais, funcionam muito bem



Os primeiros passos no Estrela da Amadora

as duplas. Temos vários jogadores que foram grandes defesas como o Ricardo Carvalho, o Fernando Couto e o Jorge Costa que me ajudaram enquanto eu jogava. Também o Aloísio. Daí que não consiga só um. Há muitos jogadores que como defesas foram muito importantes para mim. Prefiro considerar esses que trabalharam comigo do que outros que não trabalharam comigo, embora tenham valor. Gostei de trabalhar no Corunha com o Donato e o Naybet. Tive muita sorte em todos os sítios por onde passei. Tinha sempre grandes referências.

### **Qual a sensação de teres jogado pela seleção nacional?**

A melhor sensação possível. Quando jogamos por um clube jogamos só por uma parte do público enquanto que pela seleção toda a gente apoia. Mesmo muitas das pessoas que são menos atentas ao futebol ligam mais à seleção e é um momento em que o país pára para ver os jogos. No clube é o dia-a-dia. Sempre que vamos para a seleção reencontramos os amigos. Os primeiros dias são

de descontração. E para quem joga fora do país é a sensação de voltar para casa e de estar junto dos colegas. É muito bom. Também é especial porque estamos a defender o nosso país. Temos muito orgulho em tudo o que fazemos porque está toda a gente a ver. E, naturalmente, sentem-se mais as coisas na seleção do que num clube. Sempre que se entra em campo, sente-se que a responsabilidade é maior. É fantástico e os jogadores sentem-se heróis. Sempre que joguei senti-me um pouco herói.

### **Qual foi o jogo que mais te marcou na seleção?**

Houve muitos jogos que me marcaram mas aqueles que me deram mais emoção foram os do Euro 2004. O jogo contra Inglaterra foi um dos jogos mais arrepiantes. Foi fantástico e muita gente adorou a forma como acabámos por vencer nos penaltis.

### **Foste vice-campeão e fazes parte de uma das gerações de ouro do futebol. Sentes-te orgulhoso?**

Joguei com uma seleção que era da geração de ouro. Gente que tinha ganho os Campeonatos do Mundo de Sub-20. Poder colaborar com estes jogadores que eu tanto admirava foi uma experiência muito boa. Jogadores como Figo, João Pinto, Rui Costa e Fernando Couto. Havia muita gente com talento e depois as coisas aconteciam naturalmente porque havia muita qualidade.

### **Palpites para o Mundial. Depois de veres os primeiros jogos da fase de grupos, quem é que achas que tem mais possibilidades de ganhar?**

Já dá para ver que mesmo as equipas que tiveram mais dificuldades, as favoritas, vão acabar por passar, salvo alguma exceção. A Argentina pode ter feito uma primeira fase mais fraca mas é sempre uma das seleções candidatas a ganhar o campeonato do mundo. Temos o México forte, a Espanha que é sempre favorita. Vamos ver no que dá e esperemos que Portugal também consiga entrar na luta

### **Houve alguma seleção que te tivesse surpreendido?**

Sim, este ano as seleções que me estão a surpreender são o México e a Croácia pelo jogo positivo. São seleções com muita atitude.

### **E de quem é que esperavas mais?**

Esperava mais da seleção da Argentina que é uma seleção que podia ter feito mais. E também mais do Brasil que ainda que estando apurada ainda tem de mostrar mais do seu jogo ofensivo.

### **Como te parece a organização do Mundial?**

Visto daqui parece que a organização está a ser muito boa por parte dos russos. Os estádios são muito bonitos, as condições em campo estão boas. A perspectiva é que seja um bom campeonato do mundo até ao fim

### **Qual a melhor defesa até ao momento?**

O Godin do Uruguai é uma referência e jogou muito bem estes jogos. O Pepe também tem estado em destaque e das outras seleções vamos ver quem é que até ao fim consegue mostrar talento.

## ILUSTRAÇÃO



O Festival de Ilustração de Setúbal realiza-se desde 2015

## É preciso fazer um desenho?

Com uma dezena de exposições ao longo do mês, realizou-se, em junho, o Festival de Ilustração de Setúbal sob o lema da edição original “É preciso fazer um desenho?”. O evento teve lugar em vários espaços e equipamentos do concelho e incluiu diversos ateliers com ilustradores, espetáculos de teatro e de música e apresentações de livros, bem como visitas guiadas às exposições e oficinas para os jardins de infância e as escolas do ensino básico. João Fazenda, Prémio Ilustração 2017, foi o convidado desta edição. Em destaque, na Casa da Cultura, esteve a original ‘Bricolage’, uma seleção de trabalhos realizados ao longo da carreira. A mostra, criada exclusivamente para este evento organizado pela Câmara Municipal de

Setúbal, esteve repartida em quatro secções que apesar de não respeitarem nenhuma ordem cronológica, desvendaram diferentes formas do traço e da criatividade do artista. Em ‘Palco’, o ilustrador fez uma seleção de nove anos de trabalhos realizados para jornais, revistas e até cartazes de filmes, com temas e formatos bastante distintos. Também apresentou, em ‘Bairro’, um conjunto de peças que se relacionam, sobretudo, com as vivências em metrópoles. Já em ‘Arena’, o artista partilha alguns dos trabalhos realizados em “A Boca do Inferno”, crónica semanal que divide, desde 2005, com o humorista Ricardo Araújo Pereira.

No ano do centenário do seu nascimento, a Festa da

Ilustração 2018 marcou ainda encontro com António Fernando dos Santos, ilustrador e também humorista, que foi aclamado no meio artístico como Tóssan, igualmente em destaque nesta edição. “Terá sido o primeiro ilustrador que conheci”, recordou João Fazenda sobre o homem com quem contactou, tinha ainda quatro anos, numa visita ao atelier do artista, falecido em 1991 e que legou um importante espólio. “Não deixa de ser um aspeto curioso poder reencontrá-lo aqui”, frisou. Para João Paulo Cotrim, curador da Festa da Ilustração, além de fazer o “ponto de situação da faceta ilustrativa”, a mostra de Tóssan apresentou alguns trabalhos inéditos na exposição “A vida é engraçada mas eu levo-a muito a sério”. João Silva, outro dos curadores, destacou que “é uma personagem extraordinária, muito especial”. Considerou que se trata de um artista multifacetado que, além de ilustrador, foi “um humorista total, poeta do absurdo, declamador de memória prodigiosa, ator e também encenador”.

A Festa da Ilustração 2018 manteve a estrutura das edições anteriores, reunindo ilustradores clássicos e contemporâneos, mas apresentou novidades. O concerto “Chegou o Homem dos Sete Instrumentos”, realizado por ilustradores músicos, esteve em destaque. O evento deu ainda visibilidade ao ensino artístico através de “TPC”, patente no Cais 3 do Porto de Setúbal, com trabalhos de escolas superiores de artes, e de “É preciso contar uma história?”, na Casa d’Avenida, com obras de alunos das escolas básicas e secundárias do concelho e de dois estabelecimentos de ensino de Moçambique e Itália.

Entre outras iniciativas e participantes, houve ainda a participação do designer Alberto Lopes, autor da capa do último disco de originais de Zeca Afonso, “Galinhas do Mato”, e de João Silva Duarte, ilustrador de Hans Christian Andersen.

Para o vereador da Cultura na Câmara Municipal de Setúbal, Pedro Pina, a Festa da Ilustração foi um “espaço de liberdade e de apresentação de ideias, de reflexões, de viagens, de encontros e reencontros entre ilustradores nas próprias exposições”, que “cresce todos os anos” e apresenta-se como “eixo de afirmação cultural da cidade”.



## ... e fez-se a Cidade

Vai agora para mais de 20 anos que, por um bamburri da História, dois homens de letras portugueses, António Mega Ferreira e Vasco Graça Moura se juntaram no Martinho da Arcádia para almoçar. Consta que comeram bacalhau à Braz e em conversa lembraram-se da proximidade da data marcada

para a realização de uma exposição de carácter universal e que isso poderia representar uma oportunidade de ela vir a ser realizada em Lisboa, em ocasião coincidente com comemorações da primeira viagem de Vasco da Gama à Índia e de associação de ideias em associação de ideias concluíram que o tema dessa exposição poderia ser o mar e os oceanos. Tudo isso veio a desencadear um difícil processo de candidatura, de cariz diplomático, que incluiria, entre muita outra informação, as hipóteses de localização do evento. Nesse sentido o grupo de trabalho encarregado desta parte do programa relacionou com base numa grelha de dupla entrada cerca de uma dezena de hipóteses de implantação em torno de Lisboa com as características dominantes a que o terreno devia obedecer: plano, unitário, com cerca de 25 hectares, ribeirinho ou com vista para a água, público ou com facilidade de disponibilidade pública, fáceis acessibilidades, livre de construções ou reversível e possuidor do que foi chamado “prémio de paisagem” ou, por outras palavras, ser bonito ou poder vir a ser bonito e, fi-

nalmente, com potencialidades futuras de possuir valores de espaço urbano.

Cruzados os múltiplos fatores em jogo, vindos dos sítios e do programa, foram nomeadas duas localizações – em Belém ou em torno da doca dos Olivais e aqui se poderá dizer que o desempate terá obedecido a um confronto entre a direita e a esquerda, ou talvez de forma mais específica, o risco e a inovação versus o conservadorismo e a manutenção de privilégios pois se a primeira hipótese correspondia a beneficiar uma zona estabilizada e de prestígio a segunda visava uma operação de recuperação e de criação de novas actividades, novos postos de trabalho, novo equipamento. Terá sido essa decisão eco do depoimento do responsável pela feira de Sevilha que na Assembleia Municipal de Lisboa, sob a presidência do João Amaral disse que fazer uma exposição era fácil – o pior era o dia seguinte...

Lisboa superou o dia seguinte e em torno da doca dos Olivais fez-se Cidade.

Francisco Silva Dias

## Transportes públicos



### Linha de Cascais em risco

Segundo uma notícia recente, em entrevista, o presidente da Câmara de Oeiras a propósito da “ideia” de substituir a linha ferroviária do Cais do Sodré a Cascais por uma linha do metro ligeiro terá atribuído a ideia aos presidentes das Câmaras de Lisboa e Cascais, afirmando ainda não ter posição, mas admitindo a solução.

Afirmava nessa entrevista que “A situação atual é que não é boa” e que “Não tenho dúvidas de que um elétrico rápido seria mais barato e satisfazia melhor as pessoas.”

Aqui é que as coisas se complicam.

É sabido por experiência vivida por quem é utente do atual serviço que a situação não é boa, porque as infraestruturas estão degradadas, os comboios são velhos e mal conservados, o que tem originado a redução da oferta, com preços que não atraem passageiros, para não falar na complementaridade rodoviária que deixa a desejar.

A questão é que a lotação de um comboio com a tipologia dos que circulam atualmente é de 1344 passageiros, enquanto um metro ligeiro, se considerarmos idêntico ao que circula em Almada, é de 300, ou seja, como atualmente na hora de ponta de manhã chegam ao Cais do Sodré 10 comboios, teriam de chegar, quase 45(!) implicando uma cadência de 1 minuto e 20 segundos entre comboios.

Mas não é só esse o problema. A velocidade comercial que hoje se pratica com os comboios velhos é de cerca de 37,5 km/h nos que param em todas as estações e 45,5 km os que não têm paragem em algumas, e o metro ligeiro situar-se-ia entre os 25 km/h e os 30 km/h, o que implicaria mais 10 ou 17 minutos de percurso, na melhor das hipóteses.

Acrescente-se que enquanto a modernização da linha de Cascais se pode fazer sem supressão da circulação, a opção metro ligeiro implicaria encerrar a linha, pelo menos por troços.

A todos estes problemas teremos de acrescentar a diferença entre as condições de segurança numa via quase totalmente fechada (uma passagem de nível rodoviária e quatro pedonais) e uma praticamente aberta.

A solução não é inventar soluções que não respondem a nenhuma melhoria do serviço, mas ao seu agravamento.

A resposta aos problemas passa pela modernização do caminho-de-ferro para que ofereça um serviço de qualidade.

Finalizamos com um alerta para todos os utentes da linha de Cascais: olhem para o exemplo do ramal de Lousã., que encerrou a 4 de janeiro de 2010 e hoje, julho de 2018, nem sequer se vislumbra uma solução.

Rego Mendes

## MUSEU JUDAICO DE LISBOA



Fernando Medina durante a apresentação do projeto

### Tribunais dão razão à população de Alfama

Os tribunais aceitaram uma providência cautelar interposta pela Associação do Património e da População de Alfama (APPA) que suspendeu a construção do Museu Judaico de Lisboa neste bairro. A decisão paralisou as orientações dadas pela Câmara Municipal de Lisboa (CML) para a viabilização da execução do projeto no Largo de São Miguel. A obra, com a assinatura da arquiteta Graça Bachmann, em colaboração com Luís Neuparth e Pedro Cunha, estava já em andamento depois de um primeiro acórdão que era desfavorável à suspensão. O recurso que agora vem dar razão à APPA impede também a demolição de vários edifícios por parte das autoridades municipais. A associação defende numa petição que estes prédios devem ser recuperados e servir para habitação de longa duração interrompendo o processo de expulsão dos moradores.

Na ação judicial interposta contra a construção, a APPA argumenta que o edifício projetado não se enquadra naquele espaço e que interfere esteticamente com a Igreja de São Miguel que é Imóvel de Interesse Público. É dito ainda que a zona histórica de Alfama e Colina do Castelo tem um plano de urbanização de forma a “conservar e valorizar o conjunto histórico e tradicional” e que isso é incompatível com a edificação de um projeto daquele tipo. Para a presidente da APPA, esta arquitetura “descaracteriza o Largo de São Miguel”, uma das zonas centrais de Alfama. Visivelmente satisfeita, Lurdes Pinheiro afirmou que a CML já tinha começado com

as demolições e que é um alívio. “É preocupante, porque mostra que fizeram tudo a correr para ser um facto consumado”, denuncia a presidente da APPA, que não acredita que a câmara desista já do projeto. “Nós vamos até ao fim para impedir aquela arquitetura no largo, que o vai descaracterizar completamente. Nós não estamos contra o museu, estamos é contra aquele projeto”, reiterou Lurdes Pinheiro.

A APPA, assim como o Fórum Cidadania Lx, sugerem que o museu seja instalado antes na Rua do Jardim do Tabaco, onde subsistem vários edifícios devolutos. Depois da decisão judicial, é momento para aprofundar “a reflexão, o debate e a criação de alternativas ao caminho até agora seguido”, afirmou a associação num comunicado. A APPA considera que esteve desde o primeiro momento “na linha da frente pela alteração do local” para a construção do Museu Judaico de Lisboa e que não desistirá até conseguir que a CML “ouça o povo e reconsidere a sua decisão”.

A construção do Museu Judaico é uma iniciativa da autarquia, da Associação de Turismo de Lisboa e da Comunidade Israelita de Lisboa. A escolha do Largo de São Miguel deveu-se ao fato de este ser considerado um local simbólico para o judaísmo português, já que ali perto existiu a Judiaria de Alfama. O museu foi anunciado publicamente em setembro de 2016, com uma cerimónia no Largo de São Miguel em que Fernando Medina garantiu a abertura do museu para dali a um ano.

## TRABALHADORES

# Milhares pela contratação coletiva



Mais de dois mil trabalhadores da limpeza manifestaram-se em Lisboa

Foi a maior manifestação de trabalhadores da limpeza dos últimos 40 anos. No dia em que cumpriram uma greve de 24 horas, com uma adesão a rondar os 70%, mais de dois mil fizeram frente à entidade patronal num protesto convocado pelo Sindicato dos Trabalhadores de Limpeza e Actividades Diversas (STAD), pela revisão do contrato coletivo. Em causa, está o aumento dos salários para um mínimo de 600 euros, retroativo a janeiro, a manutenção de direitos adquiridos como o subsídio de trabalho noturno e ao domingo e o aumento do subsídio de alimentação de 1,80 euros para 5 euros. Reivindicações menosprezadas pela entidade patronal, a Associação Portuguesa de Facility Services, que, à boleia da norma da caducidade dos contratos coletivos inscrita na legislação laboral, diz ser “juridicamente inviável” negociar uma “convenção caducada” com os trabalhadores. Os mesmos que, confrontados com a retirada de direitos, se concentraram em Lisboa, num protesto que cortou a Avenida da Liberdade e se fez ouvir na sede da entidade patronal. “Queremos dignidade, queremos respeito!”, ecoava na Rua do Conde Redondo. Mas não foi fácil chegar aqui. Segundo admite uma dirigente sindical do STAD ao *Público*, as ações de luta começaram a ser forçadas nos anos da *troika*. Na altura, o medo movido a despedimentos e relações contratuais precárias travou a classe trabalhadora que, como tantas outras, passou a trabalhar mais por menos. Tabelaados pelo salário mínimo nacional, questionam os efeitos da política de recuperação de rendimentos dos anos PS. “O fim da crise não levou ao aumento do número de trabalhadores, nem a que as condições melhorassem. Mas sabemos que o sector dá lucro às empresas porque quando há concursos públicos são sete cães a um osso”,

denunciam. Num universo de 40 mil trabalhadores, na maioria mulheres, em que 70% trabalha a tempo parcial, a Associação Portuguesa Facility Services é uma das 150 empresas prestadoras de serviços de limpeza industrial a operar no país. Tem contratos com escolas, autarquias, aeroportos, hospitais, centros de saúde, transportes públicos, centros comerciais, fábricas e escritórios. Fatura 365 dias por ano, mas nem sempre cumpre as obrigações contratuais que tem, por sua vez, com milhares de trabalhadores. Recentemente, foi condenada a devolver 290 euros correspondentes à percentagem do subsídio do dia de Natal que não pagou durante três anos. A prova de que a luta também compensa nos tribunais, reivindica o sindicato. “Sem vocês este país não funcionava”, encorajou o secretário-geral da CGTP-IN ao encontro das queixas dos milhões de trabalhadores e utentes que naquela sexta-feira de junho, em especial nos hospitais, deram pela falta da limpeza. Arménio Carlos conhece o carácter praticamente invisível a que querem submeter os trabalhadores do setor doméstico onde também se incluem os prestadores de cuidados e que, de acordo com as conclusões da Organização Internacional do Trabalho, “continua a ser o mais precário, mais mal pago, o menos protegido, um dos mais arriscados e, certamente, um dos menos prestigiados, mantendo um estatuto de não-trabalho”. Numa altura em que a Agência dos Direitos Fundamentais da União Europeia estima que apenas 10% dos 52,6 milhões de trabalhadores do setor no mundo estão abrangidos pela legislação laboral, a Inter sustenta que é cada vez mais relevante preservar a vinculação dos patrões à contratação coletiva para assegurar que os trabalhadores não perdem e até conquistem direitos salariais e compensatórios.



saúde

## O Mel e seus derivados

Sabia que o mel e seus derivados fazem bem à saúde? Sabe o que é a apiterapia? É uma medicina chinesa com milhares de anos que utiliza produtos como o mel, o própolis, pólen, geleia real e o veneno de abelha para ajudar a tratar muitas doenças.

**O Mel** É produzido pelas abelhas a partir do néctar recolhido nas flores, sendo depois processado pelas enzimas digestivas das abelhas. É um antibiótico natural. Pode ajudar a dormir melhor, se tomar um copo de leite quente e nele dissolver mel.

Usa-se nas queimaduras, nos abscessos, nas anemias (pois ajuda a produzir os glóbulos vermelhos do sangue), é bom para as vias respiratórias e para as dores de garganta.

Pode ser muito útil para quem tem problemas de azia e de refluxo gástrico. Tomando cerca de 30 minutos antes de comer, água no qual se dissolveu um pouco de mel. É anti-oxidante.

**Própolis** É uma resina que as abelhas tiram das árvores e arbustos silvestres para evitarem as infeções no seu habitat.

Antigamente os sacerdotes egípcios utilizavam-no para fins medicinais, unguentos e cremes para embalsamarem.

Os Incas utilizavam-no para combater as infeções e os estados febris. Ele aumenta as defesas do organismo e combate muitos germens do tipo bacteriano, fúngico e viral. Algumas alergias podem beneficiar do própolis. Usa-se também no combate às lombrigas.

**Geleia Real** É de cor amarela, e é segregada pelas abelhas obreiras jovens durante o curto período de vida delas para alimentarem as abelhas rainhas.

Ela é muito rica em sais minerais (ferro, ouro, prata, níquel, silício, magnésio, manganês, enxofre, crómio, zinco) e também tem aminoácidos e vitaminas do grupo B, C, PP, biotina (importante para a saúde do cabelo).

É um bom tónico do sistema nervoso, ajuda a cicatrizar as úlceras do duodeno, a qualidade de vida das pessoas com arteriosclerose, e como é um vasodilatador também ajuda a controlar a tensão arterial.

É um anti-bacteriano ajudando a combater a escherichia coli, o proteus, o bacilo de Koch, e staphylococcus aureus.

Aqui tem uns bons motivos para utilizar o mel e os seus derivados.

**Lina Seabra-Diniz,**  
Médica

## DOCENTES

# Professores exigem que governo cumpra a lei



Mário Nogueira, secretário-geral da FENPROF

Dura há já quase duas semanas o braço-de-ferro entre a maioria dos professores e o governo, numa greve às avaliações de final de ano que vai ter a duração de um mês e que denuncia, sobretudo, a intenção do executivo em apagar 70% do tempo de serviço em que as progressões estiveram congeladas. A paralisação foi subscreta por uma larga frente sindical, reunindo um total de dez estruturas, com a Federação Nacional de Professores (Fenprof) à cabeça. À revelia do que foi aprovado no âmbito do Orçamento do Estado para 2018, António Costa teima em não aplicar a lei que estabelece a negociação dos prazos e do modo de recuperação do tempo de serviço nas carreiras, mas que não inclui na discussão com os sindicatos o tempo a pagar. Os sindicatos, e os partidos à esquerda do PS na Assembleia da República, reclamam ainda a aplicação da resolução aprovada nesta câmara, que recolheu na altura também os votos favoráveis do partido no governo, que recomenda a contagem de todo o tempo e a correspondente valorização remuneratória. Agora, do lado do executivo liderado pelo PS, argumenta-se que não há dinheiro para pagar aos professores o correspondente a nove anos e quatro meses de serviço e que isso poria em causa as contas públicas. Sobre o descongelamento e o reposicionamento das carreiras, a Fenprof reiterou que “é inaceitável a discriminação que está a ser imposta aos professores”. O governo quer eliminar a estes profissionais 70% do tempo que é contado integralmente aos outros trabalhadores da Administração Pública como moeda de troca para o descongelamento das outras carreiras. Diz esta federação sindical que os responsáveis po-

líticos pela pasta da Educação mentem ao triplicarem o valor estimado da despesa com o descongelamento dos docentes para justificarem a não recuperação do que é devido.

## “Fortíssima participação”

A frente sindical entregou pré-avisos até meados deste mês e a luta vai realizar-se de forma intermitente, ou seja, com pré-avisos diários. Tal molde tem como objetivo paralisar as reuniões de conselho de turma. Uma “fortíssima participação”, realçou o secretário-geral da Fenprof, que frisou que na maioria dos conselhos de turma a greve não está a ser feita apenas por um ou dois professores, o que por si só inviabilizaria a reunião. Para o encontro não se realizar, basta quem professor do órgão - o número varia conforme o ano de escolaridade - falte.

“Sabemos que não será fácil que o governo venha a compreender que o que pode negociar é apenas o prazo e o modo de recuperação, e não o tempo a recuperar, mas também não será fácil parar a luta dos professores, parar esta greve”, afirmou Mário Nogueira, em declarações à *Agência Lusa*.

Os sindicatos têm estado também a fazer o levantamento das violações do direito à greve depois de terem tomado conhecimento de “situações perfeitamente ilegais”. Mário Nogueira fez, contudo, questão de afirmar que, neste aspeto, nem todos os diretores são iguais, relatando que há grupos de dirigentes escolares que se uniram para contestar a nota da Direção-Geral dos Estabelecimentos Escolares (DGESTE), considerando-a ilegal.

O governo tentou ainda impor serviços mínimos para diminuir o impacto da greve numa reunião, antes do fim do mês, entre a Direção-Geral da Administração e do Emprego Público e as organizações sindicais sem ter havido qualquer acordo. A única conclusão foi a constituição de um colégio arbitral que vai analisar se há ou não necessidade de estabelecer serviços mínimos a partir de julho. Mário Nogueira contestou a existência de serviços mínimos para este serviço, tendo em conta que esta tarefa não constitui uma necessidade social impreterível, questionando até a forma como esses serviços mínimos poderão vir a ser declarados.

## Outras reivindicações

Os profissionais do ensino defendem também um regime especial de aposentação, que faça frente ao desgaste e às longas carreiras, sem penalização de idade, aos 36 anos de serviço. Em relação aos horários de trabalho, acusam os responsáveis do Ministério da Educação de estarem cientes da ilegalidade imposta às escolas em semanas que excedem largamente as 35 horas estabelecidas para a Administração Pública. Como muitos outros setores profissionais que trabalham para o Estado, os professores denunciam também a forma como o governo se tem comportado nas comissões criadas no âmbito do PREVPAP para o ensino superior. A precariedade continua a ser um problema por resolver sem que o ministério da Educação abra os quadros das escolas de acordo com as suas necessidades reais e sem que todos os docentes que satisfazem necessidades permanentes integrem os quadros.

## ESPAÑA



Mariano Rajoy abandona parlamento durante moção de censura

## Escândalo de corrupção dita fim de Mariano Rajoy

Mariano Rajoy tentou resistir até ao fim. Ausente do parlamento e fechado num restaurante de Madrid enquanto assistia pela televisão à implosão do seu governo, a imagem que ficou foi a de um primeiro-ministro sem coragem política. A decisão dos tribunais sobre o mais importante dos sucessivos escândalos de corrupção levou vários líderes do PP à prisão e acabou por ditar a ordem de despejo para os inquilinos do Palácio da Moncloa. A Audiência Nacional deu como provado que o ex-tesoureiro do PP recebia dinheiro de contratos públicos sobrevalorizados, canalizando-o para um saco azul para financiar o partido de Mariano Rajoy. Alguns dos ar-

guidos foram condenados a mais de 50 anos de prisão.

Pedro Sánchez, secretário-geral do PSOE, aproveitou a oportunidade para apresentar uma moção de censura no Congresso dos Deputados que acabou por recolher os votos da maioria dos deputados numa complexa geometria de interesses políticos onde nenhum partido tem maioria. O apoio da esquerda espanhola, onde se destaca a coligação Unidos Podemos, e das forças independentistas catalães e bascos, foi fundamental para derrubar o anterior governo e conduzir o PSOE à constituição de um novo executivo. Sob a promessa de governar com o orçamento negociado entre o PP e o Partido Nacionalista Basco, de

direita, o novo executivo garantiu o apoio daquela formação política. Por outro lado, o partido de direita Ciudadanos decidiu rejeitar a moção de censura e votar contra Pedro Sánchez por não incluir a convocatória a curto prazo de eleições antecipadas.

O novo chefe do governo já garantiu que quer governar até 2020 e mostrou-se disponível para conversar com dirigentes independentistas catalães para resolver a crise política com Barcelona. Mostrou-se favorável à transferência dos presos políticos para cárceres na Catalunha logo que acabe a fase de instrução do processo judicial, uma medida que não pensa alargar aos cerca de 200 independentistas bascos que cumprem pena fora do País Basco.

## COLÔMBIA

## Vitória da direita põe paz em perigo

“Oito milhões de colombianos e colombianas livres de pé. Aqui não há derrota. Por agora, não seremos governo”. Foi desta forma que o candidato presidencial Gustavo Petro comentou o resultado eleitoral que deu a vitória à direita na Colômbia (54%) mas que viu a candidatura de esquerda alcançar a sua melhor marca (42%). Nunca um candidato presidencial alternativo, desde o assassinato de Jorge Eliécer Gaitán, em 1948, havia tido a possibilidade de disputar a vitória com as apostas eleitorais da oligarquia. A conquista de Ivan Duque, herdeiro político de Álvaro Uribe, responsável por 32 mil desaparecidos durante a sua presidência, segundo dados da organização Unidade de Justiça e Paz, e por fazer da Colômbia o país do mundo com mais deslocados e refugiados internos, sindicalistas e jornalistas assassinados, pode agora pôr em perigo os acordos de paz alcançados com as FARC e as negociações com o ELN, a segunda guerrilha de esquerda mais importante do país.



Ivan Duque conquista presidência

## COREIA

## A paz pode estar para breve

A Coreia do Sul e os Estados Unidos anunciaram a suspensão de ensaios militares conjuntos no âmbito das negociações de paz com a República Popular Democrática da Coreia, nome oficial da Coreia do Norte. Esta decisão segue-se ao histórico encontro, a 12 de junho, entre o líder deste país e o presidente norte-americano. Na reunião realizada em Singapura, para além do fim dos exercícios militares, Kim Jong-un e Donald Trump assinaram um documento em que se comprometeram com o processo de desnuclearização da península coreana, com o fim da guerra e a normalização das

relações diplomáticas. O sul e o norte da Coreia pretendem chegar a um acordo que estabeleça um “regime de paz duradoura e estável” que ponha um fim definitivo à guerra que, apesar do armistício assinado em 1953, ainda não acabou. O desmantelamento do arsenal de armas nucleares, que na óptica norte-coreana servia para dissuadir Washington de uma invasão, vai ser objeto de um processo de verificação. Em resposta, os representantes norte-americanos comprometeram-se também a retirar todas as sanções sobre o país asiático e deixaram no ar a possibilidade de um novo en-

contro em Washington ou em Pyongyang. A cimeira histórica foi antecedida no fim de abril por um encontro entre os chefes de Estado de ambas as Coreias que se encontraram pela primeira vez na zona desmilitarizada que separa os dois países. Depois de uma reunião em território sul-coreano, os dois representantes acordaram “decidir de maneira independente o destino da nação e estabelecer o diálogo em vários âmbitos”. Comprometeram-se ainda a suspender qualquer atividade hostil e a avançar com um plano gradual de desarmamento. Uma das decisões históricas foi

o anúncio oficial, ainda este ano, do fim da guerra que conduzirá ao reencontro entre famílias separadas com o apoio da Cruz Vermelha. Os dois países decidiram ainda desfilar sob a mesma bandeira durante eventos desportivos internacionais. Desde 1953, que o Norte e o Sul da Coreia se dividem no paralelo 38°, depois de um cessar-fogo que suspendeu uma guerra que durou três anos entre a parte meridional, apoiada sobretudo pelos Estados Unidos e países da NATO e a parte setentrional que recebeu a solidariedade da URSS e da China, entre outros.

## RESISTÊNCIA

# Nos 70 anos da morte de Bento de Jesus Caraça

João Caraça

Quando, há 70 anos atrás, se perguntava a qualquer cidadão menos ou mais jovem o que pretendia do mundo, a resposta era invariável: — a paz!!

Hoje, se o fizermos, obteremos uma afirmação muito diferente: — um emprego!!

Então, e a liberdade? E os direitos? E a felicidade? Será que os valores deixaram de ter importância?

Não! Há que ter a audácia de propor alternativas ao discurso único dominante. Como há setenta anos. Como sempre!

Vivemos em tempos de falsas verdades, de propaganda enganosa, de desilusões e de corrupção. De acrescida violência e de constantes ameaças. Em tempos assim, de especulação e de cruas decepções, dizer a verdade é afirmar que não há certezas absolutas, porque existe incerteza, porque o mundo está sempre a transformar-se e que, por isso, temos de o interrogar sem cessar.

Precisamos de continuar a interrogar a natureza, a sociedade, a nós próprios, a razão funda pela qual existem, respectivamente, a ciência, as ciências sociais, a filosofia e as humanidades.

Não há receitas prontas para consolar os timoratos: o único conforto obtém-se querendo saber sempre mais, entender melhor, não deixando nunca de interrogar, de objectar, de questionar, de manter uma atitude de abertura face a tudo em redor.

É esta a mensagem fundamental da *Cultura Integral do Indivíduo*, que Bento de Jesus Caraça coloca como o problema central do nosso tempo, em 1933. Mas que é tão válida hoje, como então. Porque este é o problema central de todos os tempos!

«O que o mundo for amanhã é o esforço de todos nós que o determinará. Há que resolver os problemas que es-



Ilustração dedicada a Bento de Jesus Caraça

tão postos à nossa geração e essa resolução não a poderemos fazer sem que, por um prévio esforço do pensamento, procuremos saber, por uma análise fria e raciocinada, quais são esses problemas, quais as soluções que importa dar-lhes — saber donde vimos, onde estamos, para onde vamos» (da *Cultura Integral do Indivíduo*).

É nestes termos que a evocação da figura de Bento de Jesus Caraça é importante. Porque, mais do que nunca, se torna imprescindível compreender o mundo em que vivemos, bem como as escolhas que se configuram. Porque, igualmente mais do que nunca, temos necessidade de

interrogar e aprender, observar, raciocinar e experimentar, ao longo de toda a nossa vida. A cidadania implica a participação.

Ou se aprofundam as bases científicas do conhecimento sobre a sociedade, sobre a natureza e sobre o próprio homem, e simultaneamente se promovem o espírito crítico e a participação cívica, ou, em alternativa, assistiremos primeiro à contestação lenta e depois, logo a seguir, à destruição rápida e inexorável do edifício da ciência e dos saberes argumentativos e, com eles, da legitimidade da própria ordem em que assenta a regulação da nossa sociedade.

É que as novas oligarquias nunca desprezam a eficiência técnica: antes a estimulam no quadro de uma combinação com a ignorância política e a violência. Os instrumentos das novas oligarquias — o medo e a superstição — não mudaram. Apenas se especializaram.

Mas um acontecimento positivo e construtivo podemos anunciar a todos os homens e mulheres de boa vontade nestes 70 anos de vida para além da morte de Bento de Jesus Caraça: foi finalmente criada uma Associação que tem por objectivo divulgar o seu pensamento, dar a conhecer a obra de Bento de Jesus Caraça em todas as suas facetas, promover a discussão em torno das suas ideias, e agir.

A acção da ABJC — Associação Bento de Jesus Caraça — dirigirá-se em particular às gerações que não conhecem o seu pensamento e obra, promovendo a cultura integral, através da divulgação das ciências, das humanidades e das artes nas suas diversas expressões, da edição de publicações da organização de reuniões e debates, bem como de outras actividades afins.

Porque o futuro — a ABJC sabe-o bem — não pode ser previsto nem adivinhado. Mas deve ser preparado e antecipado, pois de outro modo nada se atingirá de proveitoso para a sociedade. É preciso que se continue a sonhar, mas a sonhar sempre de olhos bem abertos.

## Sugestões culturais:

### Intendente em festa



Julho e Intendente já são sinónimo de festa. Entre 5 e 22 de julho, de quinta-feira a domingo, realizam-se dezenas de atividades que incluem, entre outras, concertos, feiras, teatro de rua, sessões de cinema e instalações. Consulte a programação em [facebook.com/bairrointendente](https://facebook.com/bairrointendente).

### Ópera na Prisão



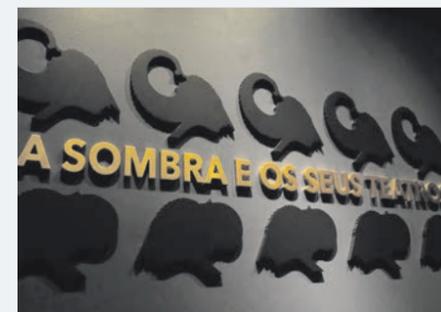
É já no dia 12 de julho, na Gulbenkian, que se apresenta este projeto de inclusão social que nasceu no Estabelecimento Prisional de Leiria. Este grupo de reclusos apresenta mais uma ópera de Mozart. O *Così Fan Tutte* que será cantado em RAP na primeira pessoa por alguns solistas prisionais.

### “Barreiro, Memória e Futuro”



Em exposição permanente no Espaço Memória, no Barreiro, dá-se a conhecer a história do território da cidade e das suas gentes. De forma temática e apelativa, os conteúdos são oferecidos à leitura e à experimentação coletiva. Tendo por base espólios arqueológicos e outros, legados ou depositados na autarquia, esta mostra apresenta ao público o fruto do trabalho de investigação.

### A sombra e os seus teatros



Patente no museu da Marioneta, em Lisboa, até 2 de setembro, esta exposição mostra o universo dos teatros de sombras da Índia, Indonésia e Tailândia, com repertórios que se baseiam nos dois grandes épicos da literatura hindu — o Ramayana e o Mahabharata.

## DIREITOS



CGTP anunciou concentração para 6 de junho

## «A maior manifestação dos últimos anos»

Houve quem viajasse num dos muitos autocarros que atravessaram o país para chegar a Lisboa, outros viajaram de comboio e houve ainda quem viesse de bicicleta. Independentemente do meio de transporte, o certo é que dezenas de milhares de pessoas fizeram do trajeto que separa o Campo Pequeno do Marquês de Pombal a maior manifestação dos últimos anos. Sob o lema “Lutar pelos direitos, valorizar os trabalhadores”, a ação nacional convocada pela CGTP-IN constituiu um poderoso aviso de quem protesta contra a governação do executivo liderado por António Costa.

Num percurso que levou mais de duas horas a chegar ao palco onde discursaram vários dirigentes sindicais, os manifestantes preencheram a Avenida da República e a Avenida Fontes Pereira de Melo exigindo, entre outras reivindicações, o fim da precariedade, o aumento generalizado dos rendimentos e do salário mínimo para 650 euros e o direito à contratação coletiva.

“Saímos à rua e lutamos porque a luta é o motor do desenvolvimento, porque não pactuamos com a política laboral do governo do PS que, apresentando-se como de esquerda, acaba de fazer um acordo com as confederações patronais e a UGT na concertação social, que os partidos da direita não se importariam de subscrever, e que por isso mesmo já recebeu os mais rasgados elogios do PSD”, afirmou o secretário-geral da CGTP-IN na sua intervenção. Arménio Carlos

acrescentou ainda que os partidos de direita e o patronato, “que antes recusavam qualquer alteração da legislação laboral”, são os mesmos que agora “rejuvenescem com algo que pensavam não ser possível de concretizar” mas que lhes foi oferecido por um governo “que se afasta cada vez mais dos trabalhadores e se aproxima dos que estiveram associados ao memorando da troika e à política que promoveu a recessão económica, aumentou a exploração, as desigualdades e a pobreza laboral”.

No fim da manifestação, o secretário-geral da CGTP-IN apelou à participação dos trabalhadores na concentração marcada para a frente da Assembleia da República, na sexta-feira, 6 de julho, dia em que os deputados votam as alterações à legislação laboral propostas pelo governo.

“Esta é uma luta que justifica e exige a participação de todos, mulheres e homens trabalhadores dos sectores privado e público, de todas as idades, com vínculo efectivo e precário, sindicalizados ou não, com diferentes opções e simpatias partidárias. Uma luta que reclama o reforço da unidade na acção e o envolvimento activo dos jovens, dos desempregados e dos reformados e pensionistas. Uma luta que é de todas as gerações que não desistem de lutar pela defesa da sua dignidade, por uma vida melhor no presente e a construção de um futuro com direitos para as novas gerações”, declarou Arménio Carlos.

## A Voz do Operário há 100 anos

### A greve dos manipuladores de tabaco

Terminou já, ha semanas, a greve dos manipuladores de tabacos. As officinas durante mais de quarenta dias fechadas tanto em Lisboa como no Porto voltaram ao labor, á actividade fabril que denuncia o trabalho. As machinas voltaram a funcionar e onde até aqui havia silêncio, n’aquellas officinas em que o trabalho esteve paralisado por tantos dias voltou a haver a animação produzida pela enorme colmeia de trabalhadores.

Terminado, porém, o conflicto não nos julgamos desobrigados de sobre elle bordarmos ligeiras considerações.

Temos mesmo o dever de o fazer visto que *A Voz do Operário*, defensora dos interesses da classe trabalhadora, é ainda o órgão d’essa numerosa classe que tão espantosas riquezas produz, que tantas fortunas tem originado, para afinal se debater num pélagio immenso de difficuldades, que vae por vezes até á mais cruciante miseria.

São dominio publico os motivos que originaram a greve. Aqui mas colunas do nosso semanario, esses motivos foram bem claramente expostos n’uma serie de artigos em que o melhoramento das condições economicas dos manipuladores de tabaco era entusiasticamente advogado, com argumentos de peso e de valor.

As terriveis condições em que a classe trabalhadora se debate, em face do problema da carestia de vida, teem levado quasi todas as classes salarizadas a reclamarem a melhoria das suas condições economicas, consubstanciada no augmento dos salarios. Assim, os movimentos operarios teem-se sucedido uns aos outros; as grèves, esses conflictos entre o Capital e o Trabalho, teem agitado a classe trabalhadora terminando quasi todos esses conflictos, uns pacificos, outros revolucionarios, pelo triumpho dos trabalhadores. [...]

Quando o braço deixa de produzir, os operarios são arremessados para a rua como cães vadios a quem se atira um osso. No entanto, se há operarios cujos ganhos são mais remuneradores, isso são casos isolados, que se não podem applicar á generalidade do pessoal.

Rasão tinham, pois, os manipuladores de tabaco em reclamar o augmento dos seus salarios e do preço da mão de obra, tanto mais que se dava a circumstancia da Companhia dos Tabacos ser uma das mais poderosas Companhias do nosso paiz, uma das que aufere maiores e mais espantosos lucros.

7 de julho de 1918